O que era a água, profunda, insondável?
Nem morte, nem imortalidade, dia ou noite...
mas o UNO soprado por si mesmo, sem vento.
Nada mais. Escuridão envolvendo escuridão,
água não-manifesta.

O UNO, escondido pelo vazio,
sentiu a geração do calor, tornou-se ser
na forma de Desejo, primeira semente da Mente...
O que estava por cima e o que, por baixo?
Existiam semeadores, existiam poderes:
energia embaixo, impulso em cima.
Mas quem pode ter certeza?
— *Rig Veda*

Tiamar, o Oceano de Caos, expele lentamente de seu ventre Lama e Saliva, os Horizontes, o Céu e Sabedoria líquida. Esses rebentos crescem barulhentos e pretensiosos – ela pensa em destruí-los.

Mas Marduk, o deus da guerra babilônico, levanta-se em rebelião contra a Velha Bruxa e seus Monstros do Caos, totens infernais – o Verme, a Ogre Fêmea, o Grande Leão, o Cachorro Louco, o Homem Escorpião, a Tempestade Trovejante – dragões vestindo suas glórias como deuses – e a própria Tiamat é uma serpente marinha gigante.

Marduk a acusa de fazer os filhos se rebelarem contra os pais – ela ama Neblina e Nuvens, princípios da desordem. Marduk será o primeiro a reinar, a inventar o governo. Durante a batalha, ele trucida Tiamat e com o seu corpo encomenda o universo material. Inaugura o império da Babilônia – e então, com os miúdos e as tripas sangrentas do filho incestuoso de Tiamat, ele cria a raça humana para servir aos deuses para sempre e aos altos sacerdotes e reis sacramentados.

Zeus Pai e os deuses do Olimpo travam guerra contra Mãe Gaia e os Titãs, esses partidários do Caos, da velhas formas de caça e coleta, das longas andanças sem destino, da androginia e da licenciosidade das bestas.

Amon-Ra (Ser) senta-se sozinho no Oceano do Caos primordial da MADRE masturbando-se e criando todo os outros deuses – mas o Caos também se manifesta como o dragão Apophis a quem Ra deve destruir (juntamente com seu estado de glória, sua sombra e sua mágica) para que o faraó possa governar com segurança – um ritual de vitória recriado diariamente nos templos Imperiais para confundir os inimigos do Estado, da Ordem cósmica.

Caos é Hun Tun, Imperador do Centro. Um dia, o Mar do Sul, Imperador Shu, e o Mar do Norte, Imperador Hu (*shu hu* – relâmpago), visitaram Hun Tun, que sempre os recebeu bem. Desejando retribuir sua gentileza, eles disseram: “Todos os seres têm sete orifícios para ver, ouvir, comer, cagar etc. – mas o pobre velho Hun Tun não tem

nenhuma! Vamos perfurar alguns nele!" E assim fizeram – um orifício por dia – até que, no sétimo dia, o Caos morreu.

Mas... o Caos também é um enorme ovo de galinha. Dentro dele, P'an-ku nasce e cresce por 18 mil anos – finalmente o ovo se abre, divide-se entre céu e terra, yin e yang. Então P'an-ku transforma-se na coluna que sustenta o universo – ou talvez *se torna* o universo (respiração –> vento, olhos –> sol e lua, sangue e fluídos –> rios e mares, cabelo e cílios –> estrelas e planetas, esperma –> pérolas, medula –> jade, suas pulgas –> seres humanos etc.).

Ou, ainda, transforma-se no homem/monstro, Imperador Amarelo. Ou transforma-se em Lao-tsé, profeta do Tao. Na verdade, o pobre velho Hun Tun é o próprio Tao.

"A música da natureza não existe além das coisas. As várias aberturas, gaitas, flautas, todos os seres vivos, juntos, formam a natureza. O 'EU' não pode produzir coisas e as coisas não podem produzir o 'EU', que existe por si mesmo. As coisas são o que são espontaneamente, não por causa de alguma outra coisa. Tudo é natural sem saber por que o é. As 10 mil coisas tem 1o mil estados diferentes, todos em movimento como se existisse um Senhor Verdadeiro para movê-las – mas, se procuramos por evidências desse Senhor, não conseguimos encontrá-las." (Kuo Hsiang).

Cada consciência iluminada é um "imperador", cuja única forma de reinado é não fazer nada para não atrapalhar a espontaneidade da natureza, o Tao. O "sábio" não é o próprio Caos, mas um dos seus servidores leais – uma das pulgas de P'an-ku, um pedaço de carne do filho monstruoso de Tiamat. "Céu é Terra", diz Chunag-tsé, "nasceram no mesmo momento em que eu nasci, e eu e as 10 mil coisas formamos um ser único".

O Anarquismo Ontológico tende a discordar apenas da total quietude do taoísmo. Em nosso mundo, o aos tem sido destituído por jovens deuses, moralistas, falocratas, padres-banqueiros, senhores adequados para escravos. Se a rebelião provar-se impossível, pelo menos algum tipo de guerra santa clandestina deve ser iniciada. Que ela siga as bandeiras da guerra do dragão negro anarquistas, Tiamat, Hun Tun.

O Caos nunca morreu.

1.10 Pornografia

Na Pérsia eu vi que a poesia é feita para ser musicada e cantada – por uma razão simples – porque *funciona.*

Uma combinação perfeita de imagem e melodia coloca o público num *hal* (algo entre um estado de espírito emocional/estético e um transe de supraconsciência), explosões de choro, impulsos de dança – uma mensurável resposta física à arte. Para nós, a ligação entre poesia e corpo morreu junto com a época dos bardos – lemos sob influência de um gás anestesiante cartesiano.

No norte de Índia, mesmo a recitação não-musical provoca barulho e movimento, todo bom verso é aplaudido, "Bravo!" com elegantes movimentos de mãos, e rúpias são lançadas – enquanto nós ouvimos poesia como um daqueles cérebros de ficção científica em um vidro – na melhor das hipóteses, um sorriso amarelo ou uma careta, vestígios dos rituais símios – o resto do corpo longe, em algum outro planeta.

No Oriente, às vezes os poetas são presos – uma espécie de elogio, já que sugere que o autor fez algo tão real quanto um roubo, em estupro ou uma revolução. Aqui, os poetas podem publicar qualquer coisa que quiserem – o que em si mesmo é uma espécie de punição, uma prisão em paredes, sem eco, sem existência palpável – reino de sombras do mundo impresso, ou do pensamento abstrato – um mundo sem risco ou *eros*.

A poesia está morta novamente – e mesmo que a múmia do seu cadáver possua ainda algumas de suas propriedades medicinais, a auto-ressureição não é uma delas.

Se os legisladores se recusam a considerar poemas como crimes, então alguém precisa cometer os crimes que funcionem como poesia, ou textos que possuam a ressonância do terrorismo. Reconectar a poesia ao corpo a qualquer preço. Não crimes contra o corpo, mas contra Idéias (e Idéias-dentro-das-coisas) que sejam letais e asfixiantes. Não libertinagem estúpida, mas crimes exemplares, estéticos, crimes por amor.

Na Inglaterra, alguns livros pornográficos ainda estão banidos. A pornográfica produz um efeito físico mensurável em seus leitores. Como propaganda, ela às vezes muda vidas por revelar desejos secretos.

Nossa cultura gera a maior parte de sua pornografia motivada pelo ódio ao corpo – mas, como em certas obras orientais, a arte erótica em si mesma cria um veículo elevado para o aprimoramento do ser/consciência/glória. Um espécie de pornô tântrico ocidental poderia ajudar a galvanizar os cadáveres, fazê-los brilhar com uma pitada de glamour do crime.

Os Estados Unidos oferecem liberdade de expressão porque todas as palavras são consideradas igualmente insípidas. Apenas as *imagens* contam – os censores amam cenas de morte e mutilação, mas horrorizam-se diante de uma criança se masturbando – para eles, aparentemente, isso é uma invasão de seu fundamento existencial, sua identificação com o Império e seus gestos mais sutis.

Sem dúvida, nem mesmo o pornô mais poético faria o cadáver sem rosto reviver, dançar e cantar (como o pássaro do Caos chinês) – mas... imagine o roteiro de uma filme de três minutos ambientados numa ilha mítica povoada por crianças fugitivas que moram nas ruínas de antigos castelos ou em cabanas-totens e ninhos construídos com detritos – uma mistura de animação, efeitos especiais, computação gráfica e vídeo – editado de forma compacta, como um comercial de fast-food...

... mas insólito e nu, penas e ossos, tendas abotoadas com cristais, cachorros negros, sangue de pombos – vislumbres de membros cor de âmbar enrolados em lençóis – rostos, cobertos por máscaras cheias de estrelas, beijando dobras macias de pele – piratas andróginos, faces abandonadas de colombinas dormindo em altas flores brancas – piadas sujas de se mijar de tanto rir, lagartos de estimação lambendo leite derramado – pessoas nuas dançando break – banheiras vitorianas com patos de borracha e pintos cor-de-rosa – Alice viajando no pó...

... punk reggae atonal para gamelão, sintetizadores, saxofones e baterias – boogies elétricos cantados por um etéreo coro de crianças – antológicas canções anarquistas, um misto de Hafiz[20] & Pancho Villa, Li Po[21] e Bakunin, Kabir[22] e Tzara – chame-o de

[20]Até hoje, um dos mais queridos e lidos poetas místicos da Pérsia (1320-1389) (N.T)

[21]Ou Li Pai, poeta chinês (701-762 a.C.) (N.T)

[22]Poeta santo cultuado tanto por muçulmanos quanto por hinduístas, viveu em Benares (1440-1518). (N.T)

"CHAOS – The Rock Video!"

Não... provavelmente é só um sonho. Muito caro para produzir e, além disso, quem o assistiria? Não as crianças a quem ele gostaria de seduzir. A TV pirata é uma fantasia fútil; o rock, outra mera mercadoria – esqueça o gesamtkunstwerk[23] malandro, então. Inunde um playground com obscenos folhetos inflamatórios – propaganda pornô, excêntricos manuscritos clandestinos para libertar o Desejo dos seus grilhões.

1.11 Crime

A justiça não pode ser obtida sob nenhuma Lei que seja – uma ação que está de com a natureza espontânea, uma ação justa, não pode ser definida por dogmas. Os crimes defendidos nestes panfletos não podem ser cometidos contra o "si mesmo" ou o "outro", mas apenas contra a mordaz cristalização de Idéias em estruturas de Tronos e Dominações venenosas.

Ou seja, não crimes contra a natureza ou contra a humanidade, mas contra a ordem legal. Mais cedo ou mais tarde, o descobrimento e a revelação de ser/natureza transformam uma pessoa num bandoleiro – como se ela visitasse outros mundos e, ao retornar, descobrisse que foi declarada traidora, herege, um ser exilado.

A Lei espera até que você tropece num modo de ser, uma alma diferente do padrão de "carne apropriada para consumo" aprovado pelo Sistema de Inspeção Federal – e, assim que você começa a agir de acordo com a natureza, a Lei o garroteia e o estrangula – portanto, não dê uma de mártir abençoado e liberal da classe média – aceite o fato de que você é um criminoso e esteja preparado para agir como tal.

Paradoxo: adotar o Caos não é escorregar para a entropia, mas emergir para uma energia semelhante à das estrelas, um espécime de graça instantânea – uma organização orgânica espontânea completamente diferente das pirâmides sociais putrefatas dos sultão, muftis, cádis e carrascos.

Depois do Caos, vem o Eros – o princípio da ordem implícito no vazio do Uno inqualificável. O amor é estrutura, sistema, o único código não contaminado pela escravidão e pelo sono drogado. Precisamos nos tornar vigaristas e persuasivos para proteger sua beleza espiritual num bisel de clandestinidade, num secreto jardim de espionagem.

Não apenas sobreviva, enquanto espera que a revolução de alguém ilumine as suas idéias, não se aliste no exército da anorexia ou bulimia – aja como se já fosse livre, calcule as probabilidades, pule fora, lembre-se das regras de duelo – Fume Maconha/Coma Galinha/Tome Chá. Todo homem tem sua própria vinha e sua figueira (*Circle Seven Koran*, Noble Drew Ali[24]) – carregue seu passaporte mouro com orgulho, não fique parado no meio do fogo cruzado, proteja-se – mas arrisque-se, dance antes que fique calcificado.

O modelo social natural para o anarquismo ontológico é uma gangue de crianças ou um bando de ladrões de banco. O dinheiro é uma mentira – esta aventura deve ser possível sem ele – o resultado das pilhagens e saques deve ser gasto antes que se

[23]Termo alemão contemporâneo que, grosso modo, implica diferentes formas simultâneas de se apreciar algo, especialmente um obras de arte computacional ou uma instalação. (N.T)

[24]Líder religioso norte–americano, fundador do Templo da Ciência Islâmica em 1913, em Chicago. (N.T)